

O PAPEL HISTÓRICO DO ANARQUISMO: UMA VISÃO GLOBAL

Lucien van der Walt

Nota do ITHA

Este texto foi elaborado a partir de trechos de uma palestra proferida pelo autor na livraria Freedom, de Londres, posteriormente publicada no periódico *Freedom*, em fevereiro de 2012. Realizamos a tradução a partir do texto original em inglês, mas efetuamos diversos ajustes de forma, visando melhorar o texto, que se aproximava mais de um inglês falado ou de notas de palestra.

Uma fagulha

Há muitos anos, eu e Michael Schmidt – coautor de *Chama Negra*, amigo e companheiro – tentávamos compreender algo sobre a história do anarquismo e do sindicalismo de intenção revolucionária [syndicalism], buscando entender o significado dessa história os movimentos do passado e do presente. Talvez, o fato de estarmos na África do Sul – onde não há, de fato, um movimento de tradição anarquista ou sindicalista [syndicalist]¹ desde o início dos anos 1920, não tendo havido, depois disso, uma continuidade – tenha feito com que não houvesse pré-conceitos; não tínhamos qualquer hipótese ou ponto de partida.

Origens

Chama Negra dedica-se a temas históricos do movimento anarquista e aborda questões como: Quais foram as grandes organizações anarquistas? Quem eram as pessoas que faziam parte desses movimentos? Em termos globais, onde eles foram levados a cabo? Queríamos pesquisar essas questões em escala global e não apenas no eixo Atlântico Norte. Por que os movimentos camponeses anarquistas se desenvolveram em alguns países? Como eles se espalharam para os países do terceiro mundo? Havia outras questões nesse mesmo sentido.



Black Flame [Chama Negra], de Lucien van der Walt e Michael Schmidt

¹ Os termos “sindicalista”/“sindicalistas”, nesse texto, referem-se ao “sindicalismo de intenção revolucionária” [syndicalism]. (N.E.)

Queríamos ainda investigar questões de ordem teórica. É isso que a segunda parte do livro busca responder: O que é anarquismo? Nosso principal argumento fundamenta-se na importância de se adotar uma visão global dos movimentos anarquista e sindicalista. Em geral, compreendemos a história do movimento anarquista por meio da ideia da “excepcionalidade espanhola” – ou seja, que, por alguma razão, o anarquismo teria se desenvolvido, de fato, apenas na Espanha. Diz-se que Giuseppe Fanelli foi enviado à Espanha por Mikhail Bakunin e que sua presença teve grande impacto. Reza a lenda que ele sequer falava espanhol, mas que, por razão de seus gestos articulados, todos foram persuadidos por suas ideias e decidiram, aos milhões, passar os próximos 70 anos lutando por elas.

A excepcionalidade espanhola

Existe uma vasta bibliografia que aborda a questão: “Por que os anarquistas foram fortes na Espanha?” Há diversas respostas. O “bom” marxista argumenta que a Espanha tinha uma economia atrasada e que o anarquismo reflete as sociedades atrasadas; a Confederación Nacional del Trabajo (CNT) seria, dessa maneira, o resultado da interação entre esses dois fatores. Há também o argumento que enfatiza características nacionais, sustentando que os latinos são, em geral, vigorosos, e os anarquistas mais ainda; a CNT constituiria o resultado dessa interação.



Anarquismo e sindicalismo de intenção revolucionária espanhola: poderoso, mas não único

O problema com o argumento do atraso é que a Espanha não era tão atrasada assim. Onde se localizavam as bases dos anarquistas? Nas grandes cidades industrializadas, que constituíam seus maiores redutos, e também nas regiões rurais, muito frequentemente, nas grandes fazendas comerciais. Barcelona, nos anos 1920, era uma das cidades de maior crescimento da Europa. Ou seja, o argumento do atraso não se sustenta; trata-se de um desses argumentos marxistas que afirmam que, conforme a classe trabalhadora se desenvolve, ela se torna naturalmente marxista. O argumento sobre o caráter dos espanhóis tampouco se sustenta. A Espanha também produziu o general Franco. Dizer que há uma inclinação natural da Espanha para o anarquismo não explica pequenos

detalhes como a Guerra Civil Espanhola, travada entre dois tipos de Espanha, dois tipos de espanhóis e duas ideologias espanholas.

Caso oposto

Consideramos, em todos os casos, incorreta a noção de que a Espanha constitui um caso excepcional. Na Espanha, parece claro que houve um enorme movimento anarquista, um enorme movimento sindicalista [sindicalist union movement], que esse movimento existia desde os anos 1870 e que impulsionou uma revolução na segunda metade dos anos 1930.

No entanto, uma observação internacional e comparativa demonstra que, na verdade, há movimentos pelo menos tão grandes quanto esse da Espanha. Se compararmos o tamanho dos sindicatos anarquistas com a totalidade do movimento operário, buscando compreender quanto do movimento operário organizado estava sob influência ou controle dos anarquistas ou sindicalistas, observaremos que, na Espanha, os anarquistas detinham apenas metade dos sindicatos. A CNT espanhola representava, grosso modo, a metade dos sindicatos da indústria, ou seja, aproximadamente 50%; em algumas áreas, mais do que isso. No entanto, havia uma grande rival socialdemocrata, a Unión General de Trabajadores (UGT).

Olhando globalmente

Observando países como Argentina, Chile, França, Peru, México, Portugal, Uruguai, a Holanda e o Brasil por um período, nota-se que em todos esses países, os anarquistas constituíram a força predominante nos sindicatos.



Bolívia, 1935: Sindicato de Culinária, anarco-sindicalista

Cuba constitui outro exemplo. Desde os anos 1880 até os anos 1930, os anarquistas e sindicalistas lideraram o movimento sindical. Mesmo nos anos 1950, quando Fidel Castro assumiu, muitos sindicatos ainda eram liderados pelos anarquistas, e umas das ações de Che Guevara consistiu, precisamente, em expulsar os anarquistas dos sindicatos e estabelecer um sindicalismo do bom governo, assegurando que os trabalhadores fizessem aquilo que era desejado pelo governo. O que creio não ser exatamente uma atitude anarquista!

Por que as pessoas consideram a Espanha um caso excepcional? Porque a comparam com outros países do eixo Atlântico Norte, dizendo frequentemente o seguinte: “Se observarmos a Espanha, veremos que nesse país houve um movimento anarquista muito maior do que no Reino Unido, na Suécia, na Dinamarca, na Alemanha ou mesmo que nos Estados Unidos”. Isso é verdade. Entretanto, quando utilizamos uma abordagem internacional, indo além do eixo Atlântico Norte, há muitos movimentos que, mesmo sendo mensurados somente pela força dos anarquistas nos sindicatos, foram maiores que o espanhol.

Internacionalmente falando

Ao adotar essa abordagem global e internacional, descobriremos que os movimentos anarquistas foram muito grandes. Utilizei a comparação anterior, que relaciona a influência anarquista/sindicalista no movimento organizado de trabalhadores, como um meio comparativo rápido.

Ao observar vários outros critérios – a presença de periódicos diários, de vastas redes de escolas, a formação de exércitos de trabalhadores, os levantes revolucionários, o impacto na cultura das classes populares, o papel dos anarquistas e sindicalistas nos campos e nas lutas anticoloniais – podemos sustentar o mesmo argumento: o anarquismo e o sindicalismo de intenção revolucionária foram muito grandes na Espanha, mas esse caso não constitui uma exceção; devemos compreender o anarquismo e o sindicalismo de intenção revolucionária globalmente e, como um movimento global, entender o seu papel histórico.



**Sindicato anarquista de massas:
Federación Obrera Regional Argentina**

Primo pobre

Podemos então sustentar que o anarquismo e o sindicalismo de intenção revolucionária não foram, como frequentemente se supõe, sempre o primo pobre do marxismo clássico ou da socialdemocracia.

O marxismo clássico, por exemplo, não tinha presença expressiva fora da Europa ocidental antes da ascensão de Lenin. Suas ramificações, com a interessante exceção da Indonésia, não tiveram presença real em nenhum outro lugar. Antes de Lenin, o

marxismo clássico sustentava que sem capitalismo não haveria socialismo; isso implicou que entusiasmados marxistas dissessem coisa do tipo: “Argentina, espere e não faça nada; aguarde até o capitalismo desenvolver-se um pouco mais”. Não se trata de algo que a classe trabalhadora sempre gosta de ouvir.

Havia vastas massas de trabalhadores pobres e o Partido Socialista Argentino dizia: “Votem por mais reformas”. A classe trabalhadora respondia: “Primeiro, não podemos votar. Isso é um problema, pois a maioria de nós, imigrantes, não pode votar. Segundo, não estamos vendo nenhuma reforma; isso aqui é controlado por uma oligarquia. E terceiro, já temos muito capitalismo e, por isso, não queremos contribuir mais ainda com ele”.

Pobre marxismo

Se observarmos diretamente a América do Sul, veremos que os anarquistas e os sindicalistas predominaram nos movimentos de esquerda. Se examinarmos a África do Sul da década de 1910, veremos que o anarquismo e o sindicalismo de intenção revolucionária predominaram. No Egito, onde havia um movimento anarquista desde os anos 1870, o anarquismo teve um papel importante até o início dos anos 1920. Para dizer a verdade, o Partido Comunista Egípcio, quando foi originalmente fundado, era conhecido em árabe como “o partido dos anarquistas”. Quando ele filiou-se à Internacional Comunista, uma das condições para sua aceitação foi que expulsasse os anarquistas. Os primeiros partidos comunistas do México, do Brasil, da África do Sul e de outras localidades foram criados por anarquistas e sindicalistas; constituíam partidos essencialmente anarquistas. Pode-se ver que o anarquismo não era o primo pobre do movimento.

É muito importante entendermos que o anarquismo foi um movimento muito relevante. A predominância do marxismo nos movimentos de esquerda e nos círculos operários, em muitos países, só foi alcançada nos anos 1940. Foi apenas durante a Segunda Guerra Mundial que os partidos



Anarquistas hoje no México: uma força importante

comunistas se tornaram partidos de massa em muitos países. Isso não significa que os movimentos anarquista e sindicalista tenham morrido em 1939 ou 1945; em muitos países eles continuaram tendo força e influência bastante poderosas, apesar desses rivais.

Sindicatos

Uma das coisas mais admiráveis na história do movimento anarquista é seu pioneirismo na fundação de sindicatos operários, que se deu a partir dos anos 1870. Um exemplo desses sindicatos foi a Federación Regional Española (FRE), fundada em 1870, inspirada pelo delegado de Bakunin na Espanha, Fanelli. Outro foi o Gran Círculo de Obreros México (GCOM), a segunda maior associação sindicalista, levando em conta esse primeiro período, de 1876. Outra grande associação foi criada nos Estados Unidos, a Central Labour Union (CLU): foi dela que vieram os Mártires de Haymarket. Ela foi a principal associação sindical de Chicago; constituía parte de um movimento anarquista capaz de colocar 100 mil pessoas nas ruas – 250 mil no funeral dos mártires de Haymarket. É isso que celebra o Primeiro de Maio; um dos pequenos presentes do anarquismo para a classe trabalhadora internacional. O Círculo de Trabajadores de La Habana (CTH), de Cuba, foi outro caso importante.

Além disso, em muitos casos, os anarquistas e sindicalistas criaram sindicatos em países coloniais ou pós-coloniais – os quais estiveram sob o jugo direto do colonialismo ou, de alguma maneira menos formal, sujeitos aos grandes poderes. Observando esses países, podemos notar o padrão de um importante pioneirismo e de



Isabelo de los Reyes, influenciado pelo anarquismo

uma presença de longo prazo dos anarquistas nos movimentos de massas.

Isabelo de los Reyes foi um lutador da independência filipina. Quando se inicia o colapso do Império espanhol, nos anos 1890, os Estados Unidos começam a tomar Porto Rico, Cuba e as Filipinas. Ele foi preso em Barcelona com anarquistas espanhóis e leu várias de suas publicações que o agradaram; voltando, construiu um sindicato em Manila, por volta de 1904, nos moldes dos sindicatos anarquistas espanhóis.

Outras vozes

Liu Shifu, na China

Seu grupo, a Sociedade de Companheiros Anarco-Comunistas, estabeleceu os primeiros sindicatos na China na década de 1910; no começo dos anos 1920, especialmente na região de Yunnan, os anarquistas constituíam as principais lideranças nos sindicatos. Infelizmente, Shifu morreu jovem de tuberculose, mas o movimento por ele impulsionado foi muito importante. Para citar um legado menos glorioso do anarquismo, havia um jovem bibliotecário chamado Mao Tse-Tung que, por volta de 1919/1920, era anarquista e identificava-se com o movimento anarquista. No início dos anos 1920, era possível encontrar a maioria dos principais textos de Piotr Kropotkin na China; não havia, na época, uma cópia oficial do *Manifesto Comunista* disponível.

T.W. Thibedi, na África do Sul

Filho de um ex-padre, ele estudou e lecionou num colégio religioso. Em 1915, estava em Johannesburgo, num encontro da International Socialist League, um grupo sindicalista revolucionário; apreciando as posições apresentadas, juntou-se ao grupo. Ele foi o primeiro de toda uma geração de africanos de cor e nativos que fizeram parte do movimento anarquista e sindicalista. Foi também uma das figuras principais de uma confederação sindicalista chamada Industrial Workers of Africa, que foi o primeiro sindicato de intenção revolucionária [syndicalist union] na África do Sul britânica voltado para trabalhadores negros africanos.



T.W. Thibedi, revolucionário africano



China, 1927: anarquistas coreanos e chineses

Shanghai, 1927

Anarquistas coreanos e chineses envolveram-se com série de projetos associativos. A Coréia estava sob o domínio colonial japonês e muito do movimento anarquista coreano estava situado fora da Coréia. Em geral, esses anarquistas

encontravam-se na China ou no Japão, e essa seção em particular envolveu-se com a Universidade Nacional do Trabalho [National Labour University] e, posteriormente, com uma iniciativa chamada de Faculdade Líder [Leader College]. Tratavam-se de universidades completamente controladas pelos anarquistas e, ainda que fossem financiadas por um setor do Kuomintang, formavam pessoas em aulas de esperanto, jardinagem e teoria anarquista. Os anarquistas também estiveram envolvidos com o treinamento de milícias e com um Movimento Pela Autodefesa das Vilas.

Revoluções anarquistas

Há três revoluções que, creio, poderiam razoavelmente ser caracterizadas como revoluções anarquistas.

A primeira foi o movimento dos makhnovistas na Ucrânia, de 1918 até 1921, quando foi suprimido.

A segunda ocorreu na Manchúria, entre 1929 e 1932. Ela não está muito bem documentada em inglês, mas sua figura principal foi Kim Jwa-Jin: ele foi general do Exército de Independência Coreano.

Por que os coreanos estavam na Manchúria? O domínio colonial japonês sobre a península coreana era extremamente repressivo e abrangente; nos anos 1930, por exemplo, eles instruíram todos os coreanos a mudarem seus nomes para nomes japoneses. Grande parte da resistência se deu na região fronteiriça da Manchúria. O Exército de Independência Coreano tinha vários baluartes. Kim Jwa-Jin ficou muito famoso por ter ganhado várias batalhas contra os japoneses. Ele, um anarquista, concebeu um plano junto com a Federação Anarquista Coreana na Manchúria para estabelecer um Movimento Anarquista Popular Coreano [Korean Anarchist People's Movement]. Essa foi uma área em que predominou uma sociedade nas mesmas linhas que a makhnovitchina, com um sistema de conselhos contendo certo grau de pluralismo político, cooperativas e uma milícia para defendê-los.

Kim Jwa-Jin foi assassinado em 1931 por um comunista e, logo depois, as forças japonesas vieram do sul e acabaram com tudo; ele é chamado de “Makhno coreano”,



**Memorial de homenagem a Kim Jwa-Jin,
Coréia do Sul**

mas creio que poderíamos, da mesma forma, chamar o Makhno de “Kim Jwa-Jin ucraniano”. Na Coreia, esses não são episódios de menor importância. As grandes figuras desse processo são reconhecidas e aparecem nos livros escolares; normalmente, entretanto, o anarquismo é removido. A casa de Kim Jwa-Jin constitui um monumento nacional; há uma estátua dele e alguns dias do calendário são a ele dedicados. Diversos anarquistas importantes são considerados “heróis da independência” e estão até em selos; o anarquismo, no entanto, é geralmente omitido dessa história.

Há também, é claro, o caso da Espanha, de 1936.



**Estátua de Nestor Makhno,
Ucrânia**

Anticolonial

Um aspecto importante é que duas dessas revoluções ocorreram em contextos de lutas anticoloniais.

Muito frequentemente, quando observamos o movimento makhnovista, tendemos a considerá-lo, principalmente, no contexto da Revolução Russa, como um de seus aspectos. No entanto, deve-se compreender que a Ucrânia constituía um dos principais territórios da Rússia. Era uma das terras mais exploradas, representava uma das principais fontes de renda de exportação para os russos, tinha uma grande área de plantação de trigo, que era exportado na forma de massa; o proletário da indústria da massa ucraniana foi uma importante força revolucionária!

Nestor Makhno esteve envolvido, depois que saiu da prisão, em atividades sindicais nessa região. Tratava-se de uma área muito desenvolvida onde o movimento de independência era forte. Os principais rivais dos makhnovistas, eram, de um lado, as forças bolcheviques, e de outro, os nacionalistas de Symon Petliura e a Rada Central.

Tendo isso em mente, pode-se reler toda a história do movimento makhnovista pensando que parte do que se fazia era buscar um caminho anarquista para a independência. Como alcançar a independência de um país sem que simplesmente se transferisse poder de uma elite estrangeira para uma elite local? Como proceder? Eles estavam tentando encontrar um caminho distinto para a descolonização.

Tradução: Alexandre Guerra

Revisão: Felipe Corrêa